Guia de boas práticas de bem-estar animal para criar, cuidar, treinar e utilizar burros e híbridos de burros

Este guia foi produzido em 2018/19 pelo grupo de iniciativa voluntária sobre equinos, no âmbito da Plataforma de Bem-Estar da UE. As posições expressas neste guia não representam, necessariamente, em termos jurídicos a posição oficial da Comissão Europeia.

O guia apresenta boas práticas de bem-estar animal para a criação, o cuidado, o treino e o uso dos burros e dos seus híbridos. Não se destina a substituir, contradizer ou questionar qualquer legislação, carta, guia ou diretriz existente

As fotos são usadas, neste guia, para ilustrar algumas das condições descritas. Estas não devem ser consideradas como ilustrando a única solução para as condições descritas.

As fotos utilizadas no guia foram gentilmente cedidas por:

Foto nº2: General Direction for Animal Health and Veterinary Drugs – Ministry of Health Italy

Fotos do Anexo 2: Fonte: *AWIN, 2015. AWIN welfare assessment protocol for donkeys. Doi: 10.13130/AWIN DONKEYS_2015*

Restantes fotos: The Donkey Sanctuary & Donkey Sanctuary Ireland

Índice

1. INTRODUÇÃO 6

2. ÂMBITO 6

3. CARATERÍSTICAS BIOLÓGICAS E COMPORTAMENTO 7

3.1 Ancestralidade 7

3.2 Visão 8

3.3 Reação luta ou fuga ("*flight or fight*") 8

3.4 Audição 9

3.5 Interação social e comportamento de conforto 9

3.6 Alimentação e necessidade de movimento 11

3.7 Comportamentos estoicos e anormais 12

4. CONTATO ENTRE BURROS E COM OUTRAS ESPÉCIES 12

4.1 Contacto com outros burros 12

4.2 Contacto com outros animais 13

5. INSTALAÇÕES 13

5.1 Considerações gerais 13

5.2 Climatização interior 14

6. ACESSO AO EXTERIOR 15

6.1. Abrigo 15

6.2. Pastos/ *"paddocks"* 16

7. CUIDADOS A TER 17

7.1.Conhecimento 17

7.2.Inspeção 17

7.3 Prevenção de doenças 17

7.4 Tratamento veterinário 18

7.5. Cuidados com os cascos 18

7.6 Cuidados dentários 19

7.7. Alimentação 19

7.8. Água 21

8. MANEIO E TREINO 22

9. EQUIPAMENTO 23

9.1 Selas e demais arreios 23

9.2 Equipamentos de contenção 24

10. BURROS DE TRABALHO 24

11. BURROS UTILIZADOS PARA OUTROS FINS 25

11.1 Produção de leite 25

11.2 Lazer e turismo 26

12. MUTILAÇÕES E APAROS 26

12.1. Corte da cauda e aparos 26

12.2. Outras mutilações 27

13. REPRODUÇÃO 27

13.1 Reprodução responsável 27

13.2 Métodos reprodutivos 27

13.3 Parto e desmame 28

14. AVALIAÇÃO DO BEM-ESTAR EM BURROS 28

15. CONSIDERAÇÕES SOBRE O FIM DA VIDA 29

ANEXO 1 **30**

Glossário **30**

ANEXO 2 **31**

Pontuação de condição corporal **31**

1. Introdução

Em 2014, a Comissão Europeia realizou uma reunião sobre bem-estar em equídeos, na qual participaram tanto os Estados-Membros como as partes interessadas, do setor equino. As discussões durante este encontro revelaram que existem desafios em relação ao bem-estar dos equinos, na União Europeia. Como consequência disso, a *World Horse Welfare* e o *Eurogroup for Animals* prepararam o relatório *"Removing the Blinkers"*, que ilustrou, com mais detalhe, os desafios do bem-estar.

Em 14 de março de 2017, o Parlamento Europeu adotou uma resolução sobre a detenção e criação responsáveis de equídeos. Nesta resolução, o Parlamento Europeu apela à Comissão Europeia para que desenvolva diretrizes europeias sobre boas práticas no sector equino, para vários utilizadores e especialistas, elaboradas em consulta com as partes interessadas e organizações do sector equino e com base nas diretrizes existentes.

A OIE (Organização Mundial da Saúde Animal) incluiu um capítulo sobre o bem-estar dos equídeos de trabalho no Código Sanitário para Animais Terrestres, em maio de 2016.

Com base nos antecedentes acima descritos e no princípio de que todo animal deve ter uma "vida que valha a pena", é necessário, em geral, minimizar as suas experiências negativas e proporcionar-lhes oportunidades de vivências positivas. Este guia sobre a criação, o maneio, o treino e a utilização dos burros e dos seus híbridos foi produzido para ajudar a alcançar esse objetivo.

Na Europa, a finalidade para a qual são utilizados os burros, está em constante mudança. Embora ainda sejam usados como animais de trabalho em algumas partes do Continente, noutros lugares são mantidos como animais de estimação ou usados para atividades de lazer, para programas de terapia ou para produção de leite e carne. As disposições regulamentares sobre a criação e maneio de burros variam entre os Estados-Membros. Apenas alguns adotaram legislação específica sobre a proteção de burros e seus híbridos. Nalguns Estados-Membros, as orientações foram elaboradas pelas autoridades competentes ou pelas partes interessadas. Acredita-se que os guias de orientação comuns aos Estados Membros ajudem a melhorar o bem-estar dos burros, em toda a União.

É difícil avaliar o número de burros na UE com alguma certeza. Em julho de 2018, a FAO estimou que este número era de 251.000 burros. Como as bases de dados oficiais não informam sobre a funcionalidade (ex., carne, leite) das diferentes explorações, é quase impossível definir com precisão quantos burros são mantidos para os diferentes fins.

2. Âmbito

Este guia é para todos os indivíduos que detenham um ou mais burros ou híbridos de burros, que os tenham em sua posse ou que de qualquer outra forma se dedicam à criação, ao maneio, ao treino e ao uso destes. É responsabilidade do proprietário ou do tratador de um ou mais burros ou dos seus híbridos, estar ciente dos requisitos necessários ao seu bem-estar e, assim, geri-los de forma adequada.

Embora este guia, em geral, se aplique a todas as categorias de burros, não aborda os burros e híbridos de burros de trabalho em detalhe, uma vez que estes já estão cobertos pelo capítulo 7.12 do Código

Sanitário de Animais Terrestres da OIE. O guia não aborda cavalos ou póneis, pois podem ter comportamentos e necessidades diferentes das dos burros e seus híbridos (para estes ver: Guia de boas práticas de bem-estar animal para a criação, maneio, treino e uso dos cavalos).

Este guia aborda áreas onde não existe legislação específica da UE sobre burros ou híbridos de burros. Isso significa que o transporte, os métodos de occisão, incluindo o abate, a identificação e o registo, e as questões zootécnicas e genealógicas não são abordadas. Nem aborda burros e híbridos de burros que são mantidos em condições selvagens ou semisselvagens.

Neste guia, o termo "burro" é usado tanto para burro como para um híbrido de burro (ou seja, uma mula ou mulo), a menos que seja feita outra menção.

3. Caraterísticas biológicas e comportamento

3.1 Ancestralidade

O burro doméstico atual e muitos dos burros selvagens e semisselvagens do mundo são descendentes do asno selvagem africano (*Equus africanus*). Um ramo separado de asnos selvagens evoluiu na Ásia, a partir do qual não foi domesticada nenhuma espécie, mas que partilha muitas características com os asnos selvagens africanos. Os asnos selvagens africanos evoluíram para viver em ambientes semiáridos com fontes de alimento escassas e altamente fibrosas e com acesso limitado à água. O reportório comportamental dos asnos selvagens e do seu descendente, o burro doméstico, permitiu que estas espécies se desenvolvessem nessas condições e torna o seu comportamento significativamente diferente do dos cavalos e póneis. O conhecimento do comportamento natural do burro deriva principalmente de estudos com burros selvagens que vivem em condições naturais ou seminaturais, com pouca ou nenhuma interferência humana.

Foto 1. O conhecimento do comportamento natural dos burros deriva do estudo destes no seu habitat natural

O burro foi domesticado há aproximadamente 6.000 anos no norte da África. Embora certas características, como o tamanho, o tipo, a cor e o temperamento tenham mudado, o burro manteve muito do comportamento do seu ancestral, como é exemplo o comportamento social e o alimentar. O burro está, através da evolução, adaptado a uma vida como presa, vivendo em terreno montanhoso e árido. Isto reflete-se no seu comportamento, fisiologia, anatomia e na maneira como os seus sentidos se desenvolveram.

3.2 Visão

Os burros têm um grande ângulo de visão, o que lhes permite detetar movimentos quase totalmente ao seu redor. Existe uma pequena "área cega" atrás de si e também uma pequena zona cega em forma de triângulo à frente do focinho, o que significa que os burros não veem o que comem, mas sentem-no com os bigodes.

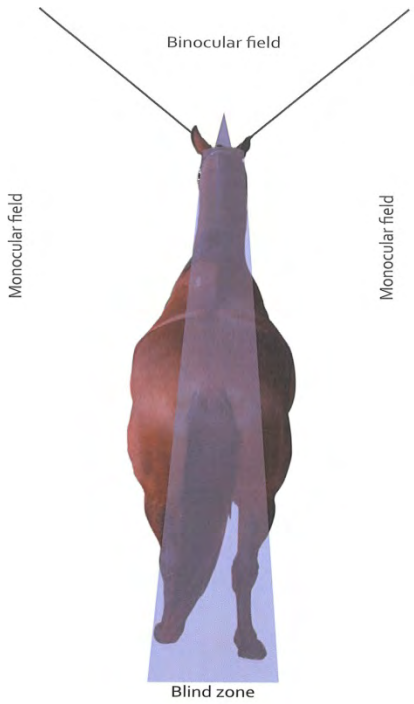


Foto 2. O campo de visão de um equino; aprecia-se o campo de visão binocular para a frente, visão monocular para cada lado e ainda a zona cega atrás e por baixo do seu corpo.

No campo de visão em que os burros veem com os dois olhos (visão binocular), estes são capazes de ver os objetos claramente, ao perto e ao longe. Este tipo de visão permite aos burros identificar alimentos (vegetação) que lhes estão próximos e, ao mesmo tempo, detetar possíveis perigos à distância.

3.3 Reação luta ou fuga ("*flight or fight*")

Os burros têm instintos naturais de 'fugir' e 'lutar'. No seu habitat natural, muitas vezes vivem sozinhos (em particular os garanhões que guardam um território definido). Quer vivam em pares, em pequenos grupos ou sozinhos, não são tão rápidos como os cavalos, por isso a fuga não é habitualmente o melhor mecanismo de defesa. Os comportamentos de luta estão, assim, mais fortemente marcados nos burros do que nos cavalos.

Isto pode causar conflito entre os burros e os outros animais domésticos e levar a uma compreensão errada do comportamento no seu maneio. Os híbridos de burro tendem a ter o reportório comportamental do cavalo e do burro, alternando rapidamente entre as respostas de fuga de um cavalo e as respostas de luta de um burro, fazendo com que o seu comportamento pareça imprevisível para tratadores inexperientes.

3.4 Audição

Os burros têm uma excelente audição, desenvolvida para ajudar estes animais solitários a interagir a grandes distâncias no seu habitat natural. Devido à sua habilidade de mover as orelhas, de forma independente, são capazes de localizar sons / ruídos e reagem a ruídos repentinos ou incomuns, habitualmente aumentando o estado de alerta e com uma resposta menos brusca do que normalmente se espera de um cavalo.

3.5 Interação social e comportamento de conforto

Devido à escassez de recursos encontrados no seu ambiente natural, os burros não tendem a formar as grandes manadas típicas de outros equídeos formando, pelo contrário, pequenos grupos ou pares, ou vivendo solitários, em busca de comida e água, só se juntado para procriar ou quando os recursos ambientais são abundantes. Os garanhões podem manter territórios para aumentar as suas possibilidades de procriar com as fêmeas, tais comportamentos territoriais podem, ainda, ser encontrados no burro doméstico. Apesar da vida solitária observada em ambientes com recursos limitados, a maioria dos burros domésticos prefere formar laços afetivos com membros da mesma espécie e são altamente flexíveis no tamanho e estrutura dos grupos formados, quando os recursos permitem, por exemplo, grandes manadas de burros (> 20 indivíduos) não são incomuns. Embora os burros, geralmente, prefiram a companhia de outros burros, ocasionalmente, formam um forte vínculo com cavalos, póneis, híbridos de burros ou com outras espécies. Os híbridos de burro tendem a preferir a companhia de outros híbridos ou da espécie materna.

Para os burros domésticos e para os seus híbridos, a falta de contacto social pode levar a animais ansiosos e deprimidos. O contacto social com outros burros é particularmente importante para burrancos e burros jovens, garantindo que estes não desenvolvem um comportamento agressivo ou tempestuoso para com humanos e outras espécies.

Foto 3. O contacto social é particularmente importante nos jovens.

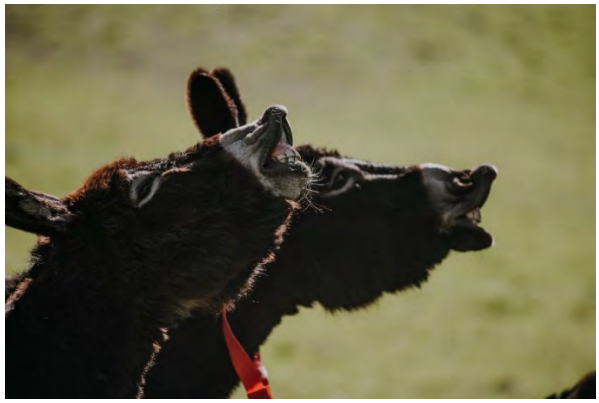


Foto 4. A resposta de *Flehmen* permite aos burros investigarem melhor um odor.

Os burros comunicam através dos sentidos da visão, da audição, do olfato, da sua postura e do tato. Por exemplo, os burros podem mostrar resposta de *flehmen* ao investigar odores e aromas com particular interesse. O tato tanto pode ser usado de forma agressiva (escoicear e morder) ou amigável (mordiscar/coçar). Alguns desses comportamentos são inatos, enquanto outros precisam de aprendizagem desde tenra idade. Os burros jovens, que são mantidos isolados, podem ter dificuldade em interagir com outros burros, se a sua introdução num grupo se fizer com mais idade.

Os burros desempenham diferentes tipos de comportamento de conforto. Esse comportamento serve diversos propósitos, como uma reação ao prurido na pele, para manter os insetos afastados, para manter a pelagem em boas condições ou para fins sociais. O comportamento de conforto é exibido até mesmo em burros que são limpos regularmente. O comportamento de conforto inclui mordiscar, coçar-se com um membro (geralmente posterior), esfregar-se contra um objeto, rolar na areia, lama, neve etc., sacudir o corpo e a cabeça e coçar-se uns aos outros com os dentes (normalmente no garrote ou no dorso).

Foto 5. Rolar numa poça de lama.

Foto 6. Coçar mútuo

Embora os burros sejam animais sociais, têm um espaço social que define a distância que desejam manter entre eles. Esta distância é individual e depende da idade e de quão bem os burros se conhecem e se fazem parte de uma parelha. Em geral, os burros são mais tolerantes à proximidade do que os cavalos, quando mantidos em grupos estáveis. Os burros também podem ser vistos juntos ao tentar manter os insetos afastados. Os burrancos e os burros jovens parecem ter um espaço social mais estreito ou menos desenvolvido, podendo ser vistos deitados juntos. Quando os burros são alojados em grupo, é importante ter em consideração o espaço social, aquando do planeamento do espaço a disponibilizar.

Foto 7. Mantendo a proximidade

Foto 8. Os burros necessitam de se deitar de lado, com a cabeça, o pescoço e as patas estendidas, para poderem entrar em sono profundo.

Os burros têm diferentes fases de sono. A cada 24 horas, necessitam de uma fase de sono profundo, em que ficam deitados de lado com os membros estendidos e os músculos relaxados. Para conseguirem isto, precisam de se sentir seguros, ter espaço suficiente e uma área de repouso seca. É importante ter isso em mente, ao planear o tamanho e o tipo de estábulos para os burros.

3.6 Alimentação e necessidade de movimento

Em condições naturais, os burros passam a maior parte do dia em busca de alimento. Dependendo da disponibilidade de alimento, podem mover se por longas distâncias. No seu ambiente natural, com recursos naturais limitados, os burros caminham regularmente distâncias de 20 km, em 24 horas. Essa necessidade inata de movimento, ainda se mantém aparente nos burros domésticos, que se forem mantidos numa área restrita por um certo tempo, limitando a sua capacidade de cumprir essa motivação, expressá-la-ão quando lhes for dada a possibilidade de se movimentarem livremente. Especialmente para burrancos e burros jovens, a liberdade de movimento e o brincar com outros burros é importante para o desenvolvimento dos músculos, das articulações, dos tendões e da estrutura óssea. Além disso, a liberdade de movimento aumentará o seu equilíbrio e coordenação.

Os burros são herbívoros. Para aumentar sua fonte potencial de alimento no seu ambiente natural, os burros evoluíram para comer ramagem ("*browsers*"), bem como para comer erva ("*grazers*"), podendo os arbustos lenhosos e as árvores ser potenciais fontes de alimento, quando as gramíneas e outra vegetação baixa não são abundantes. Os burros ingerem pouco alimento, mas fazem-no muitas vezes por dia. Os burros selvagens têm uma alimentação adequada e suficiente, pois passam muitas horas (14 a 18 horas por dia) alimentando-se. Esta alimentação, mais ou menos contínua, é adequada ao sistema digestivo do burro, que tem um estômago relativamente pequeno, mas um intestino grosso e um ceco muito volumosos. No cólon e no ceco ocorre uma degradação microbiana dos alimentos, especialmente dos materiais fibrosos, que não foram digeridos no intestino delgado.

3.7 Comportamentos estoicos e anormais

O termo 'estoico' é frequentemente usado para descrever o comportamento do burro, podendo ser enganoso. O estoicismo é um comportamento típico numa espécie-presa, como o burro, para evitar os predadores. Parecer forte e saudável reduz as possibilidades de um predador escolher um burro doente como presa. Este estoicismo (ou "comportamento de dissimulação ") não deve ser (mal) interpretado como uma capacidade diminuída de sentir dor e angústia. O comportamento do burro é diferente do de cavalos e póneis e é crucial que isso seja levado em consideração ao treinar, utilizar, cuidar ou tratar dos burros. A sua natureza estoica pode levar a um diagnóstico incorreto da gravidade das afeções dolorosas ou pode levar os tratadores a não compreenderem o estado emocional do burro. É provável que um burro mostre menos sinais, ou mais subtis, de dor e angústia, quando comparado com um cavalo com o mesmo problema clínico.

Foto 9. O estoico burro pode parecer apenas aborrecido, mas na realidade está a mascarar uma grave condição clínica, que pode pôr em risco a sua vida

Os comportamentos anormais, como os comportamentos estereotipados (vícios), são muito raros nos burros que vivem em condições naturais. O desenvolvimento de comportamentos anormais é um sinal de que o ambiente, ou as condições em que os burros são mantidos ou foram mantidos, não satisfazem as necessidades de estes expressarem os seus comportamentos normais. O comportamento estereotipado comumente observado noutros equídeos, como a aerofagia (“engolir ar”) e a “birra de urso”, é muito raro em burros, mostrando estes o comprometimento do seu bem-estar de maneiras mais sutis, como a apatia e o afastamento. Muitos dos comportamentos ditos "anormais" exibidos pelos burros podem ser comportamentos naturais, que ocorrem com uma frequência normal ou anormal, como o comportamento agressivo para com outros burros ou humanos, ou o ataque a espécies mais pequenas ou que lhes são desconhecidas. O desenvolvimento de comportamentos anormais difere entre os indivíduos.

4. Contacto entre burros e com outras espécies

4.1 Contacto com outros burros

Como mencionado acima, os burros são animais socialmente flexíveis, que quando os recursos o permitem, procuram viver em pequenos grupos familiares. Os burros costumam formar laços afetivos

muito fortes, que podem durar a vida toda. Podem ficar angustiados pela separação por uma cerca e, em certos casos, o perder de vista ou a impossibilidade de poder tocar um companheiro, o que pode comprometer seriamente o bem-estar e tornar difícil o maneio seguro dos indivíduos. Esta caraterística dos burros é importante, quando se considera a venda, a deslocação (por exemplo, para tratamento veterinário) ou a eutanásia de um animal, pois estes animais quando separados podem correr o risco de desenvolver hiperlipemia, uma doença predisposta pelo *stress*, que tem uma taxa de mortalidade elevada no burro. Os híbridos de burro tendem a preferir a companhia de outros híbridos ou da espécie materna e não parecem demonstrar laços afetivos tão fortes como os dos burros.

Foto 10. Híbridos de burro geralmente preferem a companhia de outros híbridos ou da espécie materna

É recomendável que os burros domésticos tenham contacto social direto com outros membros da sua espécie na maior parte do dia (os indivíduos podem ser treinados para aceitar o isolamento durante o trabalho). Isto torna o *"grooming"* social possível e permite o desenvolvimento e a expressão dos padrões normais de comportamento social.

4.2 Contacto com outros animais

O burro tem uma resposta de luta mais desenvolvida do que a do cavalo, portanto a entrada, no seu ambiente natural ou no seu território, de uma espécie desconhecida, pode facilmente despoletar uma resposta de luta por parte do burro. Num ambiente doméstico, este comportamento de luta pode transferir -se para as espécies pecuárias de porte mais pequeno, para animais domésticos (cães, gatos) ou para animais selvagens, que entrem no ambiente do burro. Deve-se ter o cuidado de familiarizar os burros com outras espécies com as quais entrarão em contacto e garantir que as introduções a outras espécies sejam feitas de maneira segura e controlada, não devendo os tratadores confundir comportamentos de alerta (por exemplo, farejar, tocar com o focinho e zurrar) com os de amizade para com as outras espécies. Os burros familiarizados com outras espécies podem conviver com estas sem problemas mas, em geral, é recomendado que os burros sejam alojados apenas com equídeos e, quando necessário, com outros herbívoros de grande porte e adultos.

5. Instalações

5.1 Considerações gerais

Os burros são uma espécie social. A necessidade de contacto com outros burros deve ser tida em conta ao projetar as instalações para burros.

Além disso, qualquer abrigo, estábulo ou outra instalação, deve ter as dimensões adequadas para permitir que todos os burros se deitem e descansem ao mesmo tempo numa posição natural, sem serem perturbados. As instalações devem permitir a liberdade de movimento de cada burro, de tal modo que o burro seja sempre capaz de se virar, deitar-se numa posição natural, levantar-se desimpedido e ficar de pé numa posição natural. Em instalações de grupo, deve haver a possibilidade de isolar os burros doentes ou feridos. O projeto das instalações para grupos deve garantir que todos os burros sejam capazes de escapar de companheiros agressivos e de ter acesso a comida e água, a qualquer momento.

Embora existam diferenças entre as raças, a altura ao garrote ou o peso corporal, podem ser usados como uma medida relevante ao projetar as instalações para burros. As instalações devem ser construídas e mantidas, de modo a evitar pontas aguçadas ou saliências, que possam causar ferimentos aos burros. Os materiais com os quais os burros possam entrar em contacto não devem ser prejudiciais, nem tóxicos para estes e devem poder ser cuidadosamente limpos e desinfetados.

Foto 11. Porta de um estábulo com uma borda protetora lisa

A área de repouso para os burros deve ser antiderrapante e coberta com uma quantidade adequada de material de cama, para garantir uma área de descanso seca e confortável.

Os corredores devem ter uma superfície antiderrapante e serem largos o suficiente para permitir que os burros passem uns pelos outros com segurança e sem dificuldade. A altura deve permitir que os burros fiquem na sua posição natural e façam os movimentos normais da cabeça.

Se as fêmeas forem alojadas isoladamente, perto do parto, devem ser capazes de ver, cheirar e interagir com outros burros. Quando alojados individualmente, os machos devem ter pelo menos contacto visual e olfativo permanente com outros burros e ter acesso a um pasto ou a um cercado para pastarem e se movimentarem livremente.

Quando as instalações para os burros são projetadas, construídas ou restauradas, o risco de incêndio deve ser tido em consideração. Isto é especialmente importante no que diz respeito às instalações elétricas. Os materiais usados devem, sempre que possível, ser à prova de fogo. O responsável pelos burros deve ter um plano de contingência em caso de incêndio ou de outros desastres naturais (como por exemplo, inundações).

5.2 Climatização interior

A climatização interior é importante para o bem-estar e para a saúde dos burros. Um ambiente inadequado, no interior das instalações, pode ser prejudicial para os burros, especialmente para o

sistema respiratório, e os benefícios do ar fresco e limpo não devem ser subestimados. Os níveis de poeira, de humidade relativa do ar, a temperatura e as concentrações de gases devem, portanto, ser mantidos dentro dos limites apropriados, por meio do fornecimento de ventilação adequada, idealmente natural, embora em alguns casos os sistemas de ar forçado~~s~~ / mecânicos possam ser necessários, o que proporciona um fluxo de ar bem distribuído por todas as instalações, onde estão os burros, sem correntes de ar desnecessárias.

6. Acesso ao exterior

Os burros devem ser protegidos contra as condições meteorológicas adversas e devem ser protegidos de predadores, da melhor forma possível.

6.1. Abrigo

Os burros evoluíram para viver em ambientes semiáridos, as pesquisas mostram que eles estão menos adaptados às condições húmidas dos climas temperados, fazendo uso de abrigo com maior frequência do que outros equídeos nas mesmas condições. Deve estar disponível um abrigo durante todo o ano: no verão, para proteger os burros do calor do sol e contra os insetos voadores e no inverno, para protegê-los contra a chuva, o vento e o frio. O abrigo deve ser suficientemente grande para fornecer proteção a todos os burros ao mesmo tempo.

Foto 12. Um abrigo e um solo duro são o refúgio ideal no inverno

Foto 13. Um cobrejão é um bom complemento aos abrigos para os burros idosos ou doentes

O ambiente natural, como as árvores e as sebes, não oferece refúgio suficiente aos burros, especialmente no inverno. Assim sendo, recomenda-se que os burros tenham acesso, durante todo o ano, a abrigos construídos para esse fim, com um piso seco e antiderrapante e uma área de descanso com uma quantidade adequada de boa cama. Para burros idosos ou doentes, poderá ser benéfico o uso de cobrejões impermeáveis e respiráveis, dependendo das condições climáticas. No entanto, estes cobrejões não devem ser usados para substituir um abrigo, pois não fornecem proteção às áreas do corpo do burro que são mais propensas à perda de calor (por exemplo, as orelhas e os quartos traseiros). Se forem usados cobrejões, estes devem atender à conformação própria do burro, devem ser bem ajustados, devem ser verificados diariamente e devem ser de um tipo que corresponda à temperatura ambiente. Os cobrejões de rede que protejam contra moscas e mosquitos podem ser úteis

para burros que sofrem de prurido, queimaduras de sol ou de ataques de insetos, mas não substituem a necessidade de fornecer abrigo durante todo o ano.

6.2. Pastos/ *"paddocks"*

Recomenda-se que todos os burros tenham acesso diário a áreas ao ar livre ou a pastagem, de preferência com outros burros, a fim de cumprir as suas necessidades de movimento e de contacto social. No entanto, podem existir situações em que o conselho do veterinário ou as condições climáticas extremas tornem isto contraindicado.

Foto 14. Um grupo de burros numa pastagem bem drenada

Os "*paddocks*" e pastos devem ser bem drenados para evitar a lama. Como orientação, deve haver um mínimo de aproximadamente 0,25 hectares por burro, para fornecer pastagem durante todo o ano. Estes devem ser mantidos livres de objetos perigosos e vigiados regularmente quanto à presença de plantas tóxicas, que devem ser removidas com cuidado. As cercas devem ser claramente visíveis para os burros, ser bem conservadas e de tipo e altura suficientes para impedir a sua fuga. O arame farpado não deve ser usado. Se necessário, um fio superior de arame liso esticado, é aceitável. Os burros devem ser introduzidos em pastos com novos tipos de vedações durante o dia, e devem ser vigiados por um período de tempo apropriado, após serem apresentados aos novos tipos de vedações ou quando são movidos para outro cercado.

Quando os burros são apresentados a novos companheiros, devem ser vigiados por um período de tempo apropriado, até que cessem as interações agressivas e os burros se voltem a alimentar, quando estão agrupados num *"paddock"* ou pasto.

Não é recomendável prender os burros a uma corda enquanto pastam. Isto restringe a liberdade de movimento e não permite o contacto social com outros burros. Além disso, existe o risco de ficarem presos na corda e de se ferirem.

O uso de peias deve ser desencorajado.

7. Cuidados a ter

7.1.Conhecimento

Os burros devem ser cuidados por pessoas que possuam a capacidade, o conhecimento e a competência profissional, adequados.

7.2.Inspeção

Todos os burros, incluindo os que se encontram em" paddocks" e pastagens, devem ser inspecionados uma vez por dia e, se possível, com maior frequência. Os burros doentes ou feridos, as fêmeas no final da gestação, os burros recém-nascidos, os burros recém-introduzidos, os garanhões durante a época de cobrição e os burros geriátricos, devem ser inspecionados com mais frequência.

Qualquer burro que pareça doente ou ferido deve receber os cuidados adequados sem demora. Se o burro não responder positivamente a esse cuidado, ou se estiver com dor, um médico veterinário deve ser chamado, imediatamente. É importante notar que os burros exibem sinais subtis de dor e doença e, a menos que os sintomas sejam menores (por exemplo, um pequeno arranhão), um veterinário deve ser consultado na primeira suspeita de um problema. Sempre que necessário, os burros doentes ou feridos devem ser separados em instalações adequadas.

7.3 Prevenção de doenças

A vacinação, pelo menos contra o tétano, é fortemente recomendada. Os burros são muito suscetíveis a esta doença, que é causada por uma bactéria (*Clostridium tetani*). Esta bactéria é, frequentemente, encontrada no solo das instalações de burros. Entra no corpo por meio de feridas, incluindo pequenas feridas penetrantes, que podem ser difíceis de detetar, ou pelo umbigo em potros recém-nascidos. Embora os burros afetados possam sobreviver e recuperar, especialmente se a doença for diagnosticada numa fase inicial outros, frequentemente, precisam de ser eutanasiados por motivos de bem-estar.

A vacinação contra a influenza (gripe equina) é recomendada em burros.

A vacinação contra outras doenças, como herpes, também pode ser aconselhável, dependendo da localização geográfica. Deve-se procurar aconselhamento veterinário sobre o tema.

Os parasitas intestinais podem ser um problema de bem-estar, causando perda de peso, cólicas e até mesmo mortes, sobretudo em burrancos, em burros jovens e em burros imunodeprimidos. Um programa de monitorização deve ser estabelecido com aconselhamento veterinário.

As boas práticas de maneio de pastagens ou" *paddocks*", em particular a recolha de fezes, são indispensáveis para reduzir a carga parasitária e devem ser, sempre, consideradas de alta prioridade num programa de monitorização de endoparasitas e de desparasitação direcionada. Os burros

mantidos em "*paddocks*" permanentes, onde o estrume não é removido regularmente, têm um risco aumentado de infestação.

O uso, em burros adultos saudáveis, de um anti-helmíntico sem testes laboratoriais prévios ou de outro tipo de diagnóstico relevante para estabelecer a carga parasitária, deve ser desencorajado para travar o desenvolvimento de resistência aos anti-helmínticos.

Um período de quarentena deve ser considerado antes de introduzir novos burros nas instalações; nestes casos, é importante garantir que os burros tenham pelo menos uma interação social indireta (por exemplo, visão e som) com outros equídeos. O equipamento não deve ser partilhado, para prevenir a propagação de doenças infeciosas (por exemplo, micoses e adenite equina).

.A prevenção da transmissão de doenças deve ser considerada de alta prioridade, no caso de um surto de uma doença infeciosa numa população de burros. Isto é particularmente importante porque os burros, frequentemente, agem como portadores subclínicos de doenças infeciosas e podem não apresentar sintomas como outros equídeos. Todos os proprietários de burros devem seguir as recomendações estabelecidas pelas autoridades ou organizações profissionais, como um padrão mínimo. Isto inclui: o isolamento de burros doentes; o isolamento de explorações ou regiões afetadas; os padrões de higiene e desinfeção (conhecidos coletivamente como 'biossegurança'); o cuidado no transporte e aglomeração de equídeos (eventos, shows, etc.).

7.4 Tratamento veterinário

O tratamento veterinário dos burros segue muitos dos princípios usados para cavalos. No entanto, existem várias formas pelas quais os burros diferem significativamente nos comportamentos de apresentação clínica e nos sinais clínicos, nas doses de fármacos necessárias, nas respostas a medicamentos e nos procedimentos veterinários e na sua fisiologia e anatomia. Para que o tratamento veterinário correto e eficaz seja administrado aos burros e aos seus híbridos, os veterinários e profissionais associados podem encontrar orientação clínica, como referência, no *"Clinical Companion of the Donkey"* publicado pelo "*The Donkey Sanctuary*".

7.5. Cuidados com os cascos

Os cascos dos burros são anatomicamente diferentes dos de outros equídeos. Têm um eixo casco-metacarpo mais vertical e uma série de outras diferenças anatómicas, quando comparados com o cavalo. Os cascos dos burros têm, também, uma microestrutura diferente, com uma estrutura tubular mais aberta que a do casco do cavalo. Isso significa que o casco absorve e retém mais humidade. Quando mantido em condições húmidas e sujas, o burro está mais predisposto a problemas de casco, como a doença da linha branca e os abcessos.

Os cascos devem ser limpos e observados, com frequência, para deteção de sinais de doenças ou ferimentos, como podridão, rachas ou corpos estranhos (pedras, por exemplo) . Se houver sinais de problemas nos cascos, como claudicação, estes devem ser verificados imediatamente. É essencial que os burros que vivem em ambientes temperados tenham livre acesso a uma área de piso duro (por exemplo, cimento) para garantir que os cascos possam secar e não fiquem permanentemente em ambiente húmido.

Os cascos de burros mantidos como animais de companhia ou animais de trabalho agrícola tendem a crescer muito, a menos que sejam aparados por intervenção humana. Recomenda-se que o recorte dos cascos seja feito, apenas, por profissionais treinados e com experiência na singular anatomia do casco de burros. Recomenda-se também que a ferração seja usada apenas em burros que trabalham e usam excessivamente os cascos, e sempre com assistência de um ferrador especializado. Deve-se notar que a maioria dos burros trabalha bem sem a necessidade de ferraduras. Os cascos devem ser aparados de acordo com o tipo de trabalho do burro (conforme sugerido pelo veterinário ou ferrador). Os cascos nunca devem ficar mais de 2,5 cm mais longos do que estariam imediatamente após serem aparados por um ferrador especializado. Cascos demasiados longos devem ser aparados por ferradores experientes, sob supervisão veterinária e com a realização de radiografias para orientar o recorte.

Os burros, mesmo com aparo de cascos regular, precisam de ter uma quantidade adequada de movimentos para garantir uma circulação sanguínea apropriada ao casco e um crescimento adequado destes.

7.6 Cuidados dentários

Os burros podem apresentar uma série de afeções clínicas da boca e dos dentes, afetando animais de todas as idades, mas com tendência natural para aumentar com o avanço da idade. Estas afeções podem ser exacerbadas, nos casos em que os burros apresentam problemas de desenvolvimento ou recebem uma dieta incorreta, não baseada em forragens.

Para evitar que essas condições se tornem um problema, é aconselhável que os dentes sejam examinados pelo menos uma vez por ano, por um veterinário treinado.

7.7. Alimentação

Os burros devem ser alimentados com uma dieta adequada, em quantidade suficiente para mantê-los em boas condições (peso normal e uma pontuação de condição corporal de 2,5 - 3/5, usando um sistema de pontuação de condição corporal específico do burro, no anexo 2), para evitar magreza ou obesidade e para permitir que expressem os seus comportamentos naturais.

Foto 15. A palha é uma fonte forrageira de grande importância para os burros

Os burros são altamente eficientes na digestão de fibras de baixa qualidade nutricional. Possuem uma eficiência superior à dos cavalos e póneis, na digestão de forragem altamente fibrosa, como a palha.

Estas adaptações podem ser benéficas para burros de trabalho e permitem que medrem com fontes de

fibra, que seriam inadequadas para cavalos e póneis com o mesmo tipo de maneio. No entanto, esta adaptação para sobreviver com alimentos de qualidade inferior, pode levar à obesidade em burros de companhia quando são alimentados, erradamente, da mesma forma que cavalos e póneis. A obesidade também é provável, quando os burros são mantidos juntos com cavalos ou póneis e são alimentados de maneira igual aos seus companheiros. Um burro obeso corre alto risco de desenvolver sérios problemas de saúde. A chave para a formulação de planos de maneio e de dieta é ter a consciência que as necessidades dos burros são muito diferentes das dos cavalos e póneis. A falha em gerir isto de forma adequada, pode levar a problemas de saúde e bem-estar.

O burro deve ser alimentado com uma dieta rica em fibras e pobre em energia e em hidratos de carbono não estruturais (amidos e açúcares). A maior parte da dieta deve ser composta por palha ou restolhos (as folhas e caules de culturas agrícolas como milho ou sorgo) e complementada com uma proporção variável de feno de qualidade média, feno-silagem e / ou pastagem, dependendo do que há disponível localmente, da condição corporal do burro, da época do ano e das condições meteorológicas. Oferecer aos burros a oportunidade de comer galhos de árvores e arbustos não tóxicos, também ajuda a garantir que possam exibir os seus comportamentos naturais de alimentação. As recomendações de alimentação são, frequentemente, extrapoladas da nutrição equina, no entanto, isto resultará numa sobrestimativa das necessidades nutricionais para manutenção e trabalho.

O burro deve ser alimentado com várias refeições ao longo de um período de 24 horas, para garantir tempo suficiente de mastigação ao longo do dia e da noite, pois o seu sistema digestivo está adaptado a uma ingestão mais ou menos contínua de alimentos com alto teor de fibras. A mastigação promove a produção de saliva, que atua como lubrificante e neutraliza a produção contínua de ácido no estômago. Para prevenir úlceras gástricas e melhorar a saúde intestinal, os burros dependem do acesso contínuo a forragem. Aconselha-se, sempre que possível e quando a saúde dental dos burros é boa, que a palha seja fornecida *ad libitum*.

Uma diretriz para o fornecimento diário de forragem é de pelo menos 1,3% do peso corporal em matéria seca de forragem (a maioria da qual é normalmente palha) com suplementação apropriada de erva, de feno, fenossilagem, de concentrados de fibra ou de palha adicional, dependendo das circunstâncias individuais.

O consumo de forragem assemelha-se, tanto quanto possível, aos padrões naturais de alimentação dos burros. Os burros devem ter acesso a forragem tanto quando alojados, em *"paddocks"* ou quando são libertados em áreas sem erva. Se o burro ficar um tempo prolongado sem acesso a forragem (3-4h), isso afetará, negativamente, a sua saúde geral (aumentando o risco de cólicas, úlceras gástricas e hiperlipemia) e pode predispor o burro a desenvolver padrões de comportamento anormais e indesejados.

Embora muitos burros possam viver com uma dieta de palha suplementada adequadamente com erva e/ou feno ou feno-silagem e com suplementos de vitaminas e minerais conforme necessário, certos indivíduos, como as fêmeas prenhas e aleitantes, os burros jovens em crescimento, os burros de trabalho ou os burros mantidos para fins reprodutivos, têm necessidades de energia mais elevadas devido ao seu nível de exercício ou às suas necessidades básicas. Portanto, estes podem precisar de ser suplementados com alimentos de alta energia, fibra ou gordura, como por exemplo a alfafa ou farelo de arroz. Estes alimentos de alta energia devem ser fornecidos em pequenas refeições divididas ao longo

do dia (pelo menos 2-3 refeições por dia dependendo da quantidade de ração) e a quantidade deve ser ajustada ao nível atual de trabalho do burro. O uso de rações à base de grãos de cereais é desaconselhável em burros, pois o seu uso aumenta o risco do desenvolvimento de úlceras gástricas, de laminite e de cólicas.

Foto 16. Burros idosos ou doentes beneficiam de uma alimentação suplementar com alimentos não à base de cereais

Todas as fontes de alimentação devem ser de boa qualidade sanitária e nutricional e armazenadas em condições higiénicas: alimentos empoeirados, bolorentos ou rançosos devem ser, sempre, descartados. O equipamento de alimentação deve ser mantido limpo e guardado de forma a minimizar a contaminação.

Qualquer mudança na alimentação deve ser introduzida gradualmente ao longo de um período de pelo menos duas semanas.

Para os grupos de burros mantidos em estábulos ou em *"paddocks",* deve haver espaço de alimentação suficiente, para evitar a competição e agressão entre eles.

Deve-se ter o cuidado de fazer ajustes individuais do fornecimento alimentar diário com base na pontuação de condição corporal do burro. Ver o anexo 2 para as diretrizes para pontuação de condição corporal.

7.8. Água

A necessidade de água dos burros depende, principalmente, do nível de atividade, da temperatura ambiente e do conteúdo em água da sua alimentação. Os burros normalmente bebem diariamente, entre 5 a 10% do seu peso corporal. As fêmeas aleitantes e os burros com alto nível de atividade, como burros em trabalho, podem precisar de mais quantidade de água. Nos habitats naturais dos burros, a água é normalmente escassa e dispersamente localizada. Isto fez com que os burros sejam mais tolerantes à sede do que os cavalos e sejam capazes de se reidratar rapidamente sem efeitos adversos. Essa tolerância à sede e as adaptações naturais para manter o apetite quando desidratado, não devem

ser confundidas com uma necessidade geral reduzida de água, dado que esta permanece semelhante à dos cavalos.

Foto 17. Embora os burros sejam relativamente tolerantes à sede devem receber uma fonte de água potável

Os burros podem ser muito exigentes em relação a beber de fontes de água desconhecidas ou contaminadas, o que os leva a tolerar uma desidratação excessiva enquanto mantêm um apetite aparentemente normal. Isto pode predispor a problemas de saúde, como cólicas por impactação. Deve-se ter o cuidado em fornecer água limpa e potável em bebedouros adequados. Além disso, muitos burros parecem não gostar de água muito fria e os animais geriátricos ou mais vulneráveis podem beneficiar da água morna nos meses de inverno, para manter níveis adequados de hidratação. Durante os períodos de tempo frio, as fontes de água, como pias e baldes, devem ser inspecionadas várias vezes ao dia, para garantir que estão livres de gelo e que fornecem água fresca.

De preferência, os burros devem ter acesso livre à água e, em condições domésticas, não devem ficar sem água por mais de quatro horas. Isto também se aplica a burros em *"paddocks"* e em pastagens. Quando mantidos em grupos estabulados ou em *"paddocks"* e em pastagens, deve haver espaço suficiente de abeberamento para evitar a competição e agressão entre os burros.

8. Maneio e Treino

As pessoas responsáveis pela utilização, pelo maneio, ou pelo treino de burros, devem ter o conhecimento, a experiência e as competências adequadas ao conhecimento e compreensão do comportamento natural dos burros e das suas expressões específicas. Os burros podem exibir reações de medo se não estiverem familiarizados com o contacto humano e com a contenção. Se os burros tiverem a possibilidade de interagir com humanos apenas em situações stressantes ou dolorosas (por exemplo visitas ao veterinário, odontologia, ferração), podem apresentar reações perigosas. O burro tem a fama de ser teimoso e relutante. Isso geralmente ocorre porque o burro mostra relutância sem exibir a linguagem corporal do cavalo ou pónei. É mais provável que a causa real do comportamento seja o medo, a dor, a falta de motivação ou a clareza das instruções, do que a teimosia.

Os burros devem ser manuseados regularmente de maneira gentil, desde tenra idade. Os burros que sejam bem tratados têm mais probabilidade de ficar confiantes e mais motivados para aprender coisas novas. Os burros podem ser treinados para permanecer calmos, introduzindo-os gradual e suavemente a coisas que podem assustá-los. A habituação cuidadosa e delicada do animal a ambientes e sons estranhos pode ajudar a prevenir acidentes. Os burros jovens devem aprender a ser conduzidos por uma cabeçada, a serem tocados em todo o corpo, a levantarem as patas e a permanecer calmos durante o aparo dos cascos.

Os burros aprendem facilmente comportamentos que estão mais próximos de seu comportamento natural. Os métodos normalmente aplicados ao treinar burros, são os de reforço negativo e positivo. Os melhores resultados são obtidos com reforço positivo ou combinado. No reforço positivo, o burro recebe uma recompensa (por exemplo, uma cenoura ou um cubo de açúcar) imediatamente quando responde corretamente. Para ensinar comportamentos mais complexos, a moldagem pode ser usada. A moldagem é o processo de decompor o comportamento final pretendido, como levantar os membros calmamente, em pequenas etapas de dificuldade acrescida e alcançáveis.

Os métodos de treino inadequados podem ter um impacto negativo no bem-estar do burro, podendo também, levar a um comportamento agressivo ou conflituoso, que pode comprometer a segurança de quem os manuseia. Além dos métodos rudes e brutais, os métodos de treino inadequados também incluem situações em que o treinador é inconsistente e dá sinais contraditórios ao burro. As recompensas nunca devem ser dadas por qualquer comportamento que possa ser considerado agressivo.

A companhia de um burro calmo e confiante pode ser benéfica, quando um burro tenha que ser habituado a um ambiente desconhecido, como por exemplo, ser carregado para transporte ou a um objeto novo, que possa ser visto como perigoso.

O comportamento da mula reflete ambos os pais, o burro e o cavalo. As mulas podem ser menos tolerantes do que os burros quando abordadas por uma pessoa desconhecida, e o seu treino deve começar desde muito jovens, a fim de garantir que sejam capazes de se comportar de forma segura, com os humanos.

9. Equipamento

9.1 Selas e demais arreios.

Todo o equipamento usado para montar, atrelar, dar volteio ou para ser colocado num burro (como cabeção, sela e cilha, freio, bridão, arreios de atrelagem, botas e antolhos) deve ser mantido limpo e bem conservado. Deve ser colocado corretamente para evitar lesões, dor ou *stress* e deve ser verificado antes da sua utilização. Deve-se prestar especial atenção para garantir que o equipamento é apropriado para burros, pois a maioria dos equipamentos projetados para cavalos e póneis exigirá um ajuste significativo para caber de maneira adequada e segura em burros e seus híbridos.

As restrições excessivas, como por exemplo a pressão de uma focinheira muito apertada, devem ser evitadas. O uso de uma focinheira com serreta com protuberâncias ou "dentes" é fortemente desencorajado.

Os equipamentos como as embocaduras, as cabeçadas, os chicotes e as rédeas são usados para fornecer sinais táteis ao burro. Este equipamento deve ser usado com cuidado e paciência. É responsabilidade do tratador ou do cavaleiro assegurar conhecimentos suficientes e atualizados sobre o equipamento e arreios e o uso correto dos mesmos, antes de colocá-los num burro.

Foto 18. Burro com arreios de atrelagem num espetáculo equestre

9.2 Equipamentos de contenção

Em certas situações, pode ser necessário conter os burros para sua própria segurança, para a segurança de outros burros ou daqueles que os manipulam. Os meios de contenção podem ser, por exemplo, o uso de um aziar sob supervisão veterinária ou de boxes de contenção para tratamento veterinário.

Quando um burro precisa de ser contido, deve ser aplicado o método mais brando e apenas pelo tempo absolutamente necessário. A contenção nunca deve ser um substituto de um bom maneio e de um treino apropriado. Quando necessário, para facilitar o maneio seguro em procedimentos urgentes, a sedação aplicada por um veterinário, está recomendada.

10. Burros de trabalho

Os burros de trabalho desempenham um papel fundamental no sustento de milhões das pessoas mais pobres do mundo. Em particular, os burros que trabalham contribuem significativamente para a atividade agrícola; fornecerem transporte de alimentos, de água, de ração animal, de bens, de materiais de construção e de pessoas, permitindo que os idosos viajem para hospitais e os jovens frequentem a escola. Além disso, os burros que trabalham podem ser usados como fonte de estrume, carne e outros subprodutos animais. Conforme declarado no *Welfare of Working Equids*, capítulo 7.12, o bem-estar destes equídeos de trabalho é, frequentemente, deficiente, porque os seus proprietários não têm recursos suficientes para atender às suas necessidades ou têm conhecimento insuficiente sobre o cuidado adequado dos equídeos. Certos ambientes, como trabalhar em indústrias de construção ou em ambientes adversos, podem representar um particular risco para seu bem-estar.

Foto 19. Equídeos de trabalho muitas vezes vivem em ambientes hostis

Como com qualquer outro burro, as suas necessidades básicas devem ser atendidas e a sua capacidade de carga considerada. Consulte o capítulo 7.12 do Bem-estar dos Equídeos Trabalhadores da OIE para uma consideração detalhada das necessidades de bem-estar do burro e dos híbridos de burro de trabalho.

11. Burros utilizados para outros fins

Na Europa, os burros são usados em vários contextos diferentes e o propósito da sua detenção está em constante mudança. Os burros são utilizados como animais de trabalho (por exemplo, turismo, transporte de mercadorias, gestão de lixo), mas também são mantidos como animais de estimação, ou usados para atividades de lazer, terapia e outras atividades assistidas por animais, ou para a produção de leite e carne.

Independentemente do contexto em que o burro é usado, aplicam-se as recomendações deste guia.

Possuir um burro implica responsabilidade pelo bem-estar, pelo controlo e pelo comportamento do animal. Os burros devem ser tratados por pessoas com aptidões e competências adequadas. É aconselhável que as pessoas que não tenham experiência anterior apropriada em ter ou manusear um burro, procurem aconselhamento adequado, antes de assumir a responsabilidade por um.

De seguida, serão mencionados alguns dos desafios que os burros e os seus proprietários podem enfrentar em relação à produção de leite, ao lazer e ao turismo.

11.1 Produção de leite

O novo milénio conheceu um número crescente de explorações de burras leiteiras. Embora não haja legislação específica sobre a proteção das burras usadas para a produção de leite, existem guias como "Burras leiteiras - Boas práticas de maneio animal para a produção de leite de burra".

Foto 20. Boas práticas de maneio são essenciais para cuidar de burras leiteiras

As áreas que merecem uma atenção especial em relação ao maneio e bem-estar dos burros neste setor são o maneio de diferentes tipos de animais (ou seja, machos, burrancos, burras secas e em lactação) nas explorações, de práticas de alimentação para animais em lactação e para as suas crias, e ~~d~~o tempo de separação dos potros das burras, de modo a permitir a ordenha destas.

11.2 Lazer e turismo

Os burros e as mulas são usados para atividades de lazer, ou em ligação com o turismo, de diferentes maneiras. São, geralmente, usados para transportar passageiros ou bagagem, para caminhadas, em festivais ou para puxar carroças e vagões

Foto 21. Os passageiros devem estar cientes do bem-estar dos burros de táxi e turismo

Os turistas podem não ter o conhecimento suficiente sobre os burros para detetar problemas de bem-estar, podem não ver o bem-estar do burro como sua responsabilidade ou podem reprimir as preocupações sobre o que veem, porque querem continuar as suas atividades. Portanto, é essencial sensibilizar os turistas para a sua responsabilidade pelo bem-estar desses animais e garantir que as pessoas que cuidam dos animais têm o conhecimento e a disposição necessários para assegurar que os burros não carreguem cargas muito pesadas por um período muito longo, quando consideraram a capacidade de carga individual de um burro, que os burros tenham acesso a sombra, a água e a descanso adequados e que seja utilizado equipamento de boa qualidade.

12. Mutilações e Aparos

12.1. Corte da cauda e aparos

Cortar a cauda e aparar os bigodes e os pelos das orelhas dos burros deve ser desencorajado .

12.2. Outras mutilações

Nenhuma outra mutilação deve ser realizada nos burros, exceto a castração, que só deve ser realizada por um médico veterinário e sob sedação e anestesia local ou anestesia geral, devendo em ambos os casos ser seguida de analgesia de longa duração. A marcação a fogo deve ser fortemente desencorajada. Se a marcação a frio for realizada, deve ser feita profissionalmente.

Foto 22. Se realizada, a marcação a frio deve ser feita profissionalmente

13. Reprodução

13.1 Reprodução responsável

Os proprietários têm uma grande responsabilidade ao considerar se usam o seu burro como reprodutor e qual o objetivo dessa reprodução. O destino de todos os potros não destinados à reprodução deve ser considerado cuidadosamente e planeado com antecedência.

13.2 Métodos reprodutivos

Os burros não devem ser reproduzidos de um modo que cause sofrimento ou ferimentos. Uma burra pode atingir a maturidade sexual por volta de um a dois anos de idade. No entanto, se ficar prenhe tão cedo pode comprometer o seu crescimento. O primeiro parto antes dos quatro anos de idade está associado a uma maior mortalidade da burra e / ou dos burrancos. Portanto, a reprodução não deve começar antes dos 2,5 a 3 anos. O comportamento de estro (cio) inclui bater os lábios, bater as orelhas contra o pescoço, eversão rítmica do clitóris, urinar em pequenas gotas, vocalizar (zurrar), postura de monta e monta entre as fêmeas.

Um burro pode servir realisticamente entre 10 a 15 fêmeas. Duas estratégias de reprodução podem ser adotadas: a reprodução em pastagem, onde um burro é mantido solto no mesmo pasto com um ou mais burras, ou a reprodução *in-hand*, onde o burro e a burra são contidos por tratadores. Deve ser fornecido espaço adequado para que ocorra o comportamento de retirada, bem como ser dado tempo necessário ao burro.

13.3 Parto e desmame

A burra deve ser mantida no local onde o parto ocorrerá por pelo menos um mês, antes do parto, para que ela produza anticorpos colostrais relacionados com este ambiente.

As burras devem ser vacinadas regularmente de acordo com o protocolo vacinal, para que tenham um nível suficiente de anticorpos. A vacinação contra os Herpesvirus tipo 1 e 4 deve ser considerada, dependendo da prevalência da doença na área onde os burros são mantidos. Os anticorpos são transferidos para o potro via colostro (leite rico em anticorpos disponível imediatamente após o parto).

Foto 22 O colostro é o ingrediente essencial para a saúde dos burros recém-nascidos

As boxes de parto podem ser úteis para lidar com dificuldades, que possam ocorrer antes e durante o parto. Devem ser grandes o suficiente para permitir a livre circulação da mãe e do recém-nascido e para permitir a assistência veterinária, se necessário. A complicação do parto é uma emergência veterinária, o parto deve ser monitorizado para verificar as fases normais do parto e, se alguma anormalidade for observada, um veterinário deve ser chamado. Os burros recém-nascidos devem receber o colostro da mãe nas primeiras horas de vida. Em caso de rejeição, o colostro deve ser obtido da mãe ou de outra burra logo após o parto e administrado ao potro; o colostro de vaca não é ideal.

O desmame pode ser uma experiência stressante tanto para a burra como para o burranco e deve ser realizado gradualmente. De preferência, o desmame não deve ocorrer antes de o burranco atingir os seis meses de idade. O burro jovem desmamado deve ser preferencialmente mantido em grupos com outros burros jovens ou pelo menos com um burro adulto.

14. Avaliação do bem-estar em burros

Os detentores de burros ou os responsáveis pelas instalações onde os burros são mantidos podem querer que o bem-estar dos burros sob sua responsabilidade seja avaliado. Um protocolo (AWIN welfare assessment protocol for donkeys) para avaliar o bem-estar dos burros foi desenvolvido, bem como uma ferramenta de avaliação de bem-estar baseada em equinos a ser usada para equídeos de trabalho (SEBWAT). É importante observar que o uso correto dos protocolos requer avaliadores com

treino adequado. Também é importante observar que tais avaliações não podem substituir a inspeção diária ou um exame clínico, quando há suspeita ou identificação de doença ou de uma lesão.

15. Considerações sobre o fim da vida

Embora alguns burros morram de causas naturais ou devido a acidentes, é provável que os donos de burros, em algum momento, tenham de enfrentar a difícil decisão de pôr termo à vida dos seus animais. As opções para o sacrifício são, por motivos de bem-estar, para consumo humano ou para consumo animal.

A occisão por motivos de bem-estar (eutanásia) deve ser, sempre, realizada quando um burro está em grande sofrimento, não responde ao tratamento, ou quando o burro tem uma condição crónica e incurável, que causa dor ou angústia e não responde ao tratamento, comprometendo a sua qualidade da vida. Os proprietários devem discutir prontamente cada caso individual, com um veterinário. Deve permitir-se que os companheiros do burro eutanasiado fiquem com o corpo por algum tempo após a morte, a fim de evitar o sofrimento causado pelo desaparecimento súbito de um companheiro e o risco associado de hiperlipemia.

O abate para consumo humano é uma opção, a menos que o burro tenha sido declarado como não destinado a este fim. Os métodos de abate devem considerar as diferenças de anatomia entre cavalos e burros. O local recomendado (para colocação da bala ou da pistola de embolo retrátil) no burro é 1–2 cm acima da intersecção de duas linhas traçadas entre a base da orelha e o canto lateral do olho contra-lateral. O abate envolverá o transporte para um local a distância menor ou maior, e talvez até para um mercado. Antes de ser tomada a decisão de abate, é necessário avaliar se o burro está apto para a viagem pretendida até ao matadouro. Além disso, por razões de bem-estar animal, o transporte de burros para abate em viagens longas, deve ser minimizado tanto quanto possível.

Um burro não deve ser abandonado ou deixado em sofrimento, em nenhuma circunstância.

Anexo 1

Glossário

No âmbito deste guia, são usadas as seguintes definições:

a) **Mulo** é um híbrido que é filho de um cavalo (garanhão) e de uma burra

b) **Burranco** é um burro recém-nascido

c) **Mula** é um híbrido que é filho de um burro macho e uma égua)

d) ***Paddock*** é um recinto onde os burros saem para fazer exercício, com ou sem erva

e) **Pastagem** é uma área de terra agrícola com gramíneas, onde os burros podem obter toda ou parte da sua alimentação diária, dependendo do tempo que passam na pastagem e de sua qualidade

f) **Biossegurança** é o conjunto de práticas empregadas para prevenir a introdução de organismos infeciosos num rebanho ou manada e sua transmissão entre animais

g) **Occisão,** significa qualquer processo induzido intencionalmente, que causa a morte de um animal, incluindo a eutanásia, que é a morte de um animal por motivos de bem-estar

h) **Separação devido a lesão** significa uma separação física temporária de um indivíduo ferido para evitar traumas adicionais devido ao contato com outros indivíduos e para manter o indivíduo em repouso. Para evitar estresse mental, o burro deve ser capaz de ver, ouvir e, se possível, ter contato físico parcial com outros burros

i) **Quarentena** é um período de tempo durante o qual um animal que pode ter uma doença é mantido longe de outros animais, para que a doença não se propague

Anexo 2

Pontuação de condição corporal

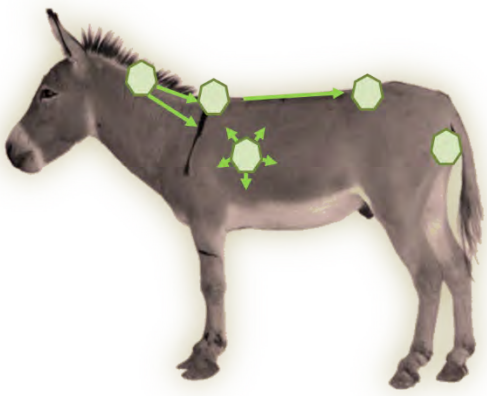
Fontes: *AWIN, 2015. AWIN welfare assessment protocol for donkeys. DOI: 10.13130/AWIN_DONKEYS_2015; The Donkey Sanctuary, 2018. The Clinical Companion of the Donkey. ISBN 978 1789013 900*

A pontuação da condição corporal é um método padronizado para avaliar a quantidade de gordura e músculos no corpo de um burro. A condição corporal pode ser afetada por uma variedade de fatores, como a disponibilidade de alimentos, as atividades reprodutivas, o clima, o desempenho ou as atividades de trabalho, os parasitas, os problemas dentários, as doenças e as práticas alimentares.

Como avaliar

Peça ao dono para segurar o burro.
A condição corporal é avaliada visualmente e por palpação. Comece com uma inspeção visual geral, seguida pela palpação manual da lateral e traseira do burro, conforme mostrado na figura, e examine a cobertura de gordura em:

- **Pescoço e espaduas***
- **Garrote**
- **Costelas***
- **Dorso e lombo**
- **Quartos traseiros**



**** Nota: Os depósitos de gordura no pescoço e nas costelas devem ser palpados cuidadosamente – estes depósitos não são tão importantes se o burro tiver mais de 7 anos ou se o resto do corpo estiver normal.***

Como pontuar

Use o *Body Condition Score* desenvolvido pelo *The Donkey Sanctuary* *. A escala varia de caquético a obeso. Este sistema é usado para todas as raças de burros e para todas as finalidades de uso.

Score 1

(caquético)

©The Donkey Sanctuary

Pescoço fino, todos os ossos são facilmente sentidos. O pescoço encontra o ombro abruptamente, os ossos do ombro são sentidos facilmente. O garrote é proeminente e facilmente sentido. As costelas podem ser vistas à distância e sentidas com facilidade. Coluna dorsal proeminente, podem sentir-se os processos dorsais e transversais facilmente. Os ossos da pélvis são visíveis e sentidos facilmente. Pouca cobertura muscular. Pode haver cavidade sob a cauda.

Score 2
(magro)

Algum desenvolvimento muscular sobre os ossos. Degrau ligeiro onde o pescoço encontra os ombros. Alguma cobertura sobre o garrote, processos espinhosos sentidos, mas não proeminentes. Costelas não visíveis, mas podem ser sentidas com facilidade. Processos dorsais e transversais sentidos com leve pressão. Fraco desenvolvimento muscular em ambos os lados da linha média. Má cobertura muscular nos posteriores, ossos da pélvis palpados com facilidade.

Score 3
(ideal)

Bom desenvolvimento muscular, ossos sentidos sob a cobertura leve de músculo / gordura. O pescoço insere-se suavemente nos ombros, que são-arredondados. Boa cobertura de músculo / gordura sobre os processos espinhosos dorsais e o garrote flui suavemente para trás. Costelas apenas cobertas por uma leve camada de gordura / músculo; as costelas podem ser sentidas com uma leve pressão. Pode sentir processos espinhosos ou transversais individuais com pressão. O desenvolvimento muscular em ambos os lados da linha média é bom. Boa cobertura muscular nos posteriores, ossos do sacro de aparência arredondada, podem ser sentidos com leve pressão.

Score 4
(gordo)

Pescoço grosso, crista dura, ombros cobertos por uma camada uniforme de gordura. Garrote largo, ossos sentidos com pressão firme. Costelas, dorsalmente, sentidas apenas com pressão firme; as costelas ventrais podem ser sentidas com mais facilidade. Só se pode sentir os processos dorsais e transversais com pressão firme. Pode apresentar ligeiro vinco ao longo da linha média. Posteriores arredondados, ossos sentidos apenas com pressão firme. Depósitos de gordura distribuídos uniformemente.

Score 5
(obeso)

Pescoço grosso, crista saliente com gordura e pode cair para um lado. Ombros arredondados e salientes de gordura. Garupa larga, ossos sentidos com pressão firme. Depósitos de gordura grandes, geralmente irregulares, cobrindo o aspeto dorsal e possivelmente ventral das costelas. Costelas não palpáveis dorsalmente. Dorso largo, difícil sentir os processos espinhosos ou transversais individuais. Dobra mais proeminente ao longo das almofadas de gordura da linha média em ambos os lados. Dobra ao longo da linha média protuberante de cada lado. Não é possível sentir os ossos do sacro, a gordura pode projetar-se de qualquer lado da cabeça da cauda e é geralmente, irregular e saliente.